

“País deve fazer um esforço e pagar os juros e o principal”

ESTADO DE SÃO PAULO

1985

O Brasil deveria realizar um esforço, não apenas para pagar os juros de sua dívida externa, mas também parte do principal. Dessa forma, demonstraria à comunidade financeira internacional sua boa vontade e, sobretudo, capacidade na superação de seus problemas. É o que pensa o diretor superintendente do **Financial Times**, Frank Barlow, que está no Brasil há três dias e se avistará hoje, em Brasília, com o presidente Sarney e ministros da área econômica.

Partidário de soluções ortodoxas para a problemática das dívidas externas do Terceiro Mundo, Barlow acredita que o Brasil deve fechar um acordo com o FMI e bancos credores, embora considere por demais ambiciosa a idéia de concluir esses acertos ainda este ano, em função das prioridades do governo. A seu ver, o Fundo precisa mais do que o Brasil desse acordo, para reforçar sua credibilidade. Ele aponta, como principais obstáculos ao fechamento da fase III, o elevado déficit público, a difícil situação das estatais e o giro da dívida pública interna, que tem juros elevados. Além disso, o fato do governo pretender um crescimento econômico anual de 5 a 6% se afigura como um grande problema, em face do modelo de ajustamento recessivo do Fundo, “que o governo brasileiro não admite empreender”.

Ao se referir à reunião anual do FMI e Banco Mundial em Seul, o superintendente do **Financial Times** afirmou que o resultado positivo foi basicamente o fato de a situação não ter piorado. As novas idéias ali debatidas continuam sendo meras plataformas. Mesmo propostas como a criação de um “superbanco” — com o objetivo de captar recursos junto aos bancos privados e repassá-los

aos devedores — constituem coisas vagas, sobre as quais não seria possível analisar agora, em termos de viabilidade. Além disso, prossegue Barlow, os bancos internacionais só concordariam em fornecer recursos a esse banco, depois de serem satisfeitos com o pagamento do principal das dívidas.

Barlow entende que os bancos privados internacionais se encontram divididos neste momento. Aqueles que atuam no Brasil e possuem uma volumosa carteira de empréstimos ao País têm uma visão de longo prazo e, em decorrência disso, uma atitude mais favorável. “Mas esses têm que vender a idéia para os bancos menores”, alertou. De qualquer modo, sustenta Barlow, as linhas mestras para a dívida externa já foram delineadas. Resta traçar os rumos da economia doméstica, sobretudo quanto à forma de combater a inflação e reduzir a dívida pública interna, conciliando isso com a necessidade de crescimento econômico.

De acordo com Barlow, a situação da economia interna é bastante complexa, especialmente no que tange à inflação. “Por outro lado, o Brasil tem mostrado um desenvolvimento bastante encorajador”, pondera. Mostrando-se impressionado com o dinamismo da economia brasileira, Barlow acentuou ainda que problemas como a inflação não deverão ser combatidos no curto prazo, mas só depois das eleições presidenciais, em 1988.

Interrogado sobre a imagem do Brasil, o superintendente do **Financial Times** assinalou que pessoalmente é muito liberal — a exemplo do jornal que representa, que possui a mesma filosofia.